

Despede-se o conselheiro

de A. C. SCARTEZINI

No último domingo, o ex-deputado Thales Ramalho embarcou para uma calma temporada em São Paulo sem pressa em retornar a Brasília, depois de deixar numa carta ao presidente Sarney o seu pedido de demissão como assessor político da Presidência da República. "Isso significa que Sarney não tem mais um projeto pessoal para a sucessão presidencial", interpretou um amigo comum. "Thales só abandona uma missão quando não há missão", entendeu o amigo, também político nordestino.

A missão de Thales — um dos últimos espécimes sobreviventes das raposas do velho PSD — seria a de aconselhar o amigo Sarney na sucessão, mas sentiu-se ocioso e foi a São Paulo cuidar da saúde e descansar para retornar a Brasília apenas daqui a uma semana, quando o seu pedido de demissão poderá estar formalmente aceito pelo presidente.

Mas, aceita ou não a demissão, Thales só pensa em mudar de emprego, pela segunda vez desde meados de março do ano passado, quando trocou o posto de ministro do Tribunal de Contas da União pela assessoria política da Presidência. "Não havia muito o que fazer no Planalto e, até por isso, Thales raramente saía de casa", recordou o amigo comum.

A frustração no Planalto começou pelo rigor com que Sarney impôs-se silêncio quanto aos seus projetos políticos. Revelava o mínimo do que queria, apenas o suficiente para que alguns atores soubessem se mexer no cenário político.

ARQUIVO



Thales: de fora

Foi assim nas reuniões com que Sarney, tendo a presença de Thales, discutiu desde março a participação dos governistas nas convenções do PMDB que renovariam o comando do partido e definiriam sua chapa presidencial.

Era a última missão de Thales. Com a derrota dos governistas, restou a Sarney a opção de apoiar Jânio Quadros, mas de uma maneira vaga que não exigia trabalhos práticos do conselheiro político. Com a renúncia de Jânio, sábado passado, acabou mais uma opção sucessória e Thales lembrou-se de ir a São Paulo colocar em dia as checas em sua saúde, há muito tempo suspensas. Aproveita para descansar.

Entre as alternativas presidenciais que permanecem no jogo, resta ainda para o presidente Sarney a opção de apoiar Aureliano Chaves, que foi seu ministro durante quase quatro anos no Ministério das Minas e Energia. Mas não se trata de uma candidatura que possa lhe provocar algum entusiasmo.

Começa que as chances de Aureliano em si já não estimulam, ainda mais com o PFL rachado por políticos que buscam no tabuleiro outra opção informal.

"Eu não deixo o governo porque aí o Sarney fica ainda mais fraco", comunicava Aureliano a amigos já no final de 85, antes que Sarney completasse sequer um ano na Presidência — a morte de Tancredo forçava Aureliano a ficar no governo para ajudar na estabilização de Sarney e do sonho da Nova República.

Indicado candidato nas prévias do PFL há 10 dias, Aureliano ainda não se apresentou a Sarney como candidato do partido, antigo parceiro do PMDB na Aliança Democrática que avalisou a transição do regime desde a eleição de Tancredo. Sarney, desde as prévias, também não fez ainda publicamente algum aceno a Aureliano.

Enquanto isso, marcha para o arquivo do Planalto uma antiga conta feita por Sarney. Calculava o presidente que o simples apoio do governo a um presidencial renderia automaticamente ao candidato alguma coisa entre 15 e 20 por cento dos votos no primeiro turno, quase o suficiente para carimbar-lhe o passaporte para a segunda votação.